

ANA MAE BARBOSA CRIATIVIDADE: da originalidade à ação coletiva

Durante trinta anos no Brasil a criatividade foi o objetivo mais invocado pelos defensores do ensino da Arte no Brasil (1950-1980). Em 1971 fiz uma pesquisa nos programas de Arte das Escolas Secundárias em São Paulo e resultou em que 100% deles mencionava o desenvolvimento da Criatividade como principal objetivo. Já na década de 1980 até meados da década de 1990, a palavra Criatividade foi banida do vocabulário pedagógico dos brasileiros. Mas, desde os fins dos anos 1990, voltou-se a falar em Criatividade na Arte/Educação. Entretanto os conceitos de Criativa-

Graduada em Direito, mestre e doutora em Arte-Educação nos Estados Unidos. Introduziu uma abordagem metodológica que envolve a análise de obras, o fazer artístico e uma contextualização teórica. Trabalhou por mais de 40 anos na USP, onde criou a área de Arte-Educação. Foi diretora do M&C-SP de 1987 a 1993. | <http://lattes.cnpq.br/1650414096296319> | facebook: anamae.barbosa

de mudaram. É isto que tentarei argumentar neste ensaio. A Arte é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento criador individual. Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a rea-

lidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

O pós-modernismo ampliou o conceito de criatividade. Para a educação modernista, dentre os processos mentais envolvidos na criação a originalidade era o mais valorizado, daí o apego do modernismo à ideia de vanguarda. Nos dias de hoje, a flexibilidade e a elaboração são os fatores da criatividade mais ambicionados pela educação.

Em New York, nos anos 1980, uma pesquisa com delinquentes juvenis chegou à conclusão de que eles tinham a capacidade de elaboração muito pouco desenvolvida. Era, dos fatores criadores, o menos desenvolvido entre os menores em conflito com a lei. Tinham muito dificuldade em reelaborar o seu meio ambiente para melhor adaptá-lo aos seus desejos e necessidades. Esta incapacidade, frequentemente, gerava violência.

Envolvidos em projetos de Arte, a grande maioria deles foi capaz de sobrepujar suas limitações conjunturais e reconstruir suas vidas.

Nas Artes, o citaçãoismo pós-moderno ampliou e validou a tomada de empréstimo da obra de um artista por outro modificando-a, reorganizando-a e se apropriando dela autoralmente. Anunciaram a morte do autor, mas, pelo contrário, o processo de autoria se expandiu e engoliu a originalidade que foi tão cara ao Modernismo.

Com o pós-modernismo, a ênfase na criatividade/inação se concentrou no desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade. Esses são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano.

Inúmeros projetos com crianças e adolescentes no Brasil mostraram o poder recriador da

"ordem oculta da Arte". Dentre eles, o mais famoso foi, sem dúvida, o Projeto Axe na Bahia, iniciado por um iluminado italiano, mas também muito importante é o trabalho de Roseana e Aembergque Quindins, no Ceará, criando um museu de mitos e Arqueologia da região, uma rádio, um grupo de música, uma editora e uma TV, possibilitando à meninada da cidade de Nova Olinda, no Cariri, que foi uma das regiões mais pobres do Ceará, a aprender a fazer TV. Também o Projeto Travessia, em São Paulo, o Cria, em Salvador, o MajêMolé, o Nação Erê e o Arricricó, no Recife, a Casa do Pequeno Davi em João Pessoa são muito bem sucedidos trabalhando com Arte para a reconstrução social dos adolescentes. Falo apenas dos que conheço, mas há muito educador, herói anônimo no Brasil, dedicando sua capacidade criadora às suas comunidades.

O Projeto Sempre Viva, por exemplo, devolve a autoestima das mulheres po-

bres, fazendo-as ver seus corpos como suporte de desenvolvimento estético. O Projeto Cais do Parto de Recife, trabalhando também com mulheres, ensina, através das Artes, as parteiras do Nordeste a melhor conhecerem o corpo feminino e diminuiu a taxa de mortalidade infantil nas regiões onde opera.

Tudo isto vem confirmando que Arte não é apenas uma mercadoria como querem os capitalistas, nem quadro para pendurar na parede, como dizem com menosprezo os preconceituosos que acham que Arte é um luxo sem o qual um país como o nosso pode passar. Menospreza-se o país e a Arte.

Nos meados de 2000, coordenei o edital da Petrobras Cultural que financiou projetos em direção à Formação em e para Artes. Fiquei surpresa com a quantidade e variedade de projetos comunitários de educação popular para as Artes. Recebemos mais de 2.500 (dois mil e quinhentos) projetos. É através das Artes, através do estímulo à

Esc para sair do modo

criação que ONGs, com muito menos dinheiro do que o Ministério da Educação vem gastando, conseguem educar melhor e combater muito mais eficientemente a exclusão e a violência.

O projeto de Roseana e Aembergque é incrivelmente barato. A ajuda inicial veio da clarividente Violeta Arraes, reitora da Universidade do Cariri, um milagre no sertão, e de um empresário de origem oriental de São Paulo, que por lá passou e se encantou com o trabalho criador das crianças. Elas produzem os programas de rádio que vão ao ar, desenham os livretos a serem impressos, coordenam as visitas guiadas ao museu por eles organizado, desde a pesquisa feita na região, até a disposição das peças no espaço e a produção das narrativas, textos e etiquetas.

Não há violência entre os jovens e adolescentes em Nova Olinda. Uma das razões é que não se trata de exploração do trabalho, mas de projeto comunita-

rio mesmo. As crianças têm poder de decisão. Elas têm cargos de diretoria e compõem o conselho da Fundação Casa Grande, nome dado ao projeto.

É muito importante democratizar o poder nos projetos sociais. Sem Democracia não há desenvolvimento criador. Que direito temos nós de decidir o que é mais importante para uma comunidade, se não fazemos parte dela? César Giobbi, jornalista e diretor do MAM-SP, fala dos projetos de Sérgio Carvalho, dono de vários Shoppings Centers no Brasil, que, dialogando com as comunidades pobres em torno do Shopping Nova América, em Del Castilho, no Rio, obedeceu aos desígnios da comunidade criando primeiro uma creche, depois cursos profissionalizantes para jovens, para tirá-los das ruas e, finalmente, um daycare para idosos. Dar voz aos oprimidos deveria ser o primeiro mandamento dos projetos ditos sociais. O poder do terceiro setor deveria ser mais dialogal. Foi ouvindo os moradores de uma comunidade que o empresário Sérgio Carvalho

instaurou uma curiosa relação de oposição: um Shopping Center, definido por Rem Koolhaas como atividade terminal (doença terminal) da sociedade ocidental, traz qualidade de vida para os que vivem a sua margem.

Outra importante diferença do modernismo e do pós-modernismo em relação à Criatividade na educação é que os professores modernistas pensavam que só o fazer artístico desenvolvia a criatividade. As teorias contemporâneas do Ensino da Arte demonstram que o ver Arte, o analisar as obras de Arte ou o campo de sentido da Arte, o conviver reflexivo com a Arte e sua extensão em diferentes mídias, imagens e objetos de diferentes categorias também desenvolve em alto grau as funções mentais responsáveis pelo processo criador.

Envolver o meio ambiente escolar com Arte, criando Galerias de Arte nas escolas ou povoando os jardins das esco-

las com Arte resulta em ganhos reflexivos. A Cultura Visual que cerca a educação de crianças e jovens deve evocar valores atuais da cultura na qual estão se educando, e "attachments" por eles escolhidos, proporcionando o desenvolvimento da capacidade crítica. Por outro lado para fortalecer o ego cultural é também importante levá-los a ver criticamente a cultura de seus antepassados.

Baseados nestes princípios, os educadores e psicólogos do Departamento de Saúde Mental de Columbus, Ohio (USA) juntando-se ao Departamento de Arte/Educação da The Ohio State University, à Comunidade (a vizinhança do parque e a ONG Africentric Personal Development Shop) e à Prefeitura (Departamento de Recreação e Parques de Columbus) realizaram o projeto de reconstrução de um playground numa comunidade de afro-americanos que vinha sendo invadida por usuários de drogas.

Havia um playground abandonado no bairro. Ironicamente chamava-se English Park,

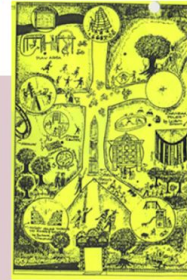
uma homenagem aos colonizadores. A reapropriação se deu através da ação de sete artistas negros da cidade, quatro deles professores e alunos de Artes Visuais e Arte /Educação da The Ohio State University, que redesenharam o parque, a pedido da comunidade, enfocando a cultura africana para reforçar uma imagem positiva da negritude.

O novo playground recebeu o nome de Kwanzaa Park, o que quer dizer em Swahili "primeiros frutos" e é também o nome de um festival contemporâneo de celebração dos valores africanos oficialmente reconhecido nos Estados Unidos, correspondente ao Natal que celebra os valores europeus e ocidentais cristãos.

A placa desenhada pelos artistas, entretanto, mantém a tensão multicultural, pois nela está escrito: KWANSAA PARK at the English Park.

As crianças da vizinhança escolheram

as cores vermelho, verde e amarelo como as dominantes para o parque cujo plano geral tem a forma de um corpo humano, que representa os ancestrais.



Esboço espacial



Baobá | Fonte: Britanica Escola



Andrew Scott

O pórtico de entrada foi construído em madeira como um pórtico de aldeia do Leste da África por Queen Brooke Pressione em vez de pórticos celebrando a entrada das aldeias do Oeste da África foram construídos por Bill Agnew em colaboração com as crianças da comunidade.



Um obelisco, representando a África do Norte foi concebido por Pheeris West. Temos a tendência a esquecer que o Egito também é África. Os bancos de madeira relembram os troncos dos chefes africanos e foram feitos por Barbara Chavous.

As atividades preferidas das crianças são contar histórias e jogos de tabuleiro. As atividades que possibilitam uma infinidade de combinações criadas por Larry Collins, um muito bem sucedido artista da cidade e um trepa-trepa construído por Andrew Scott com a ajuda de sofisticado programa de computador em malha de ferro na forma do tronco de um baobá, árvore sagrada na África.

Andrew Scott talvez, de todos os artistas que colaboraram com o parque, seja o escultor mais reconhecido pelos críticos hegemônicos. Além de escultor é também designer gráfico e desenhou as grades que cercam o parque usando os símbolos africanos em ferro batido (conforme imagens aqui apresentadas).

Alunos das Professoras Jaqueline Chanda e Vesta Daniel, coordenadoras do trabalho dos artistas através da Universidade, desenharam um site para

não só divulgar, mas principalmente servir de meio de comunicação entre a comunidade do parque e outras comunidades e indivíduos. Há no site sugestões para professores trabalharem a partir das brincadeiras no parque e trabalhos em sala de aula com base na decodificação do parque.

Em 1997 aconteceu na The Ohio State University um Colóquio Nacional que teve como base o Kwanzaa Parque e uma exposição no Museu de Columbus, especialmente organizada por Chanda e Daniel, de obras dos artistas que fizeram o parque. As citadas professoras exploraram o conceito de re-conhecimento, focando a reflexão na relação entre conteúdos históricos culturais e conceitos de arte contemporânea. Trata-se de conceito explicitado por Charles Taylor. Re-conhecimento seria o ato de procurar conhecer uma coisa já conhecida de uma nova maneira. Re-contextualização é o modus operandi do Re-conhecimento.

Para Chanda e Daniel o processo consiste em:

